
AS PRÁTICAS DE MONTAGEM NO CURSO DE TEATRO DA UNIRIO: PROCESSOS COLABORATIVOS NO TRABALHO EM GRUPO

Gilmar Oliveira da Silva
Orientador: Adilson Florentino

A pesquisa que nos propomos a conduzir é do tipo exploratória, tendo como um dos procedimentos técnicos o estudo de caso, tem como objeto os procedimentos metodológicos adotados para se chegar à cena nas práticas de montagem da UNIRIO.

Três práticas de montagem serão pesquisadas com o objetivo de verificar os procedimentos metodológicos de criação cênica ali adotados e se podem ser identificados como trabalho de criação colaborativa. A conceituação desta, mais a base teórica desenvolvida e a resultante da análise dos dados coletados junto aos grupos formados para a montagem, incluindo professores orientadores e alunos, servirão de alicerce sob o qual deverão se delinear as diretrizes de estudo, finalizando com a dissertação de mestrado.

O propósito é investigar quais são os mecanismos metodológicos implícitos e explícitos nos processos de encenação no contexto acadêmico e de como estes mecanismos estão sendo otimizados pela Instituição de Ensino, para tentar verificar de que maneira a Universidade em questão induz o aluno a buscar sua própria linguagem no fazer teatral através das práticas de montagem ali propostas nos cursos de graduação. Estaremos, em dado momento, pesquisando a trajetória do teatro universitário para então se chegar ao teatro feito na Universidade, lembrando que este último caracteriza-se como no objeto de pesquisa.

Entende-se por teatro universitário não propriamente uma categoria teatral, mas, sobretudo, um olhar inovador e menos convencional sobre a cena. Confunde-se, algumas vezes, com o teatro amador e com o teatro estudantil, nos seus sentidos amplos, fronteiras nem sempre nítidas entre essas manifestações que, todavia, apresentam um traço em comum: a recusa dos padrões convencionais da expressão teatral. Em 1939 nasce o Teatro Acadêmico, iniciativa de Mário Brassini, absorvido, no ano seguinte, pelo Teatro Universitário - TU, sob a direção de Jerusa Camões e contando com o apoio logístico da recém-fundada União Nacional dos Estudantes, UNE (ITAU CULTURAL).

A prática de montagem envolve alunos e professores das mais diversas áreas artísticas cujo objetivo maior é a cena e a aprendizagem através do fazer artístico. Estaremos analisando as práticas com olhar da criação a partir do processo de colaboração, uma vez que entendemos que o caráter da montagem dentro da Universidade é o de criação do coletivo universitário com o propósito de formar cidadãos críticos-sócio-transformadores. Segundo Antonio Araújo, diretor do Teatro da Vertigem:

“No processo colaborativo há o compartilhamento da criação pelo dramaturgo, diretor, ator, os outros criadores, sem uma hierarquia nessa criação. O diretor não é mais importante que o dramaturgo, o dramaturgo não é mais importante que o ator e assim por diante” (ARAÚJO, 2004).

○ que o difere do processo coletivo, seria basicamente o fato de cada indivíduo assinar sua função, ainda que todos discutam os aspectos relativos ao trabalho dos outros.

○ processo colaborativo provém em linhagem direta da chamada criação coletiva, proposta de construção do espetáculo teatral que ganhou destaque nos anos 70, do século 20, e que se caracterizava por uma participação ampla de todos os integrantes do grupo na criação do espetáculo (...) A criação coletiva possuía, no entanto, alguns problemas de método. Um deles era a talvez excessiva informalidade do próprio processo. Não havia prazos, muitas vezes os objetivos eram nebulosos e a experimentação criativa era vigorosa, não havia uma experiência acumulada que pudesse fixar a própria trajetória do processo. (FREITAS, 2004).

○ professor orientador e os alunos orientandos entendidos aqui como os coordenadores de experimentos de construção da cena são fundamentais na perspectiva da prática de montagem como processo de aprendizagem colaborativa, pois ilumina o perfil dos profissionais para cuja prática e formação se está pretendendo construir. Neste enfoque, o processo das relações estabelecidas na prática de montagem é o exercício de uma didática não depositária, no sentido atribuído por Paulo Freire: partir do respeito ao universo do grupo, estimulando a apreensão de novos enfoques e práticas, pois é através do diálogo que o indivíduo constrói o conhecimento e avalia seu aprendizado.

A horizontalidade experimentada tanto no processo coletivo como no processo colaborativo não implica no desaparecimento factual das funções que compõem os procedimentos básicos de criação teatral. Percebe-se que estas funções adquirem novas formas, pois são compartilhadas por diferentes membros dos grupos, ou até mesmo funcionam de modo rotativo. As funções estão presentes nos processos e são claramente reconhecidas pelas equipes de trabalho, mas tais funções não são assinadas por indivíduos que ficam particularizados na ficha técnica. (Carreira e Olivetto, 2004)

A abordagem do aluno e do professor como pesquisadores colaboradores tem seu fundamento teatral nas proposições de diversos encenadores, como Bertolt Brecht e Peter Brook, quando afirmam que o encenador não deve entender por ensaio a submissão àquilo que já está estabelecido anteriormente, mas como uma experimentação de diferentes possibilidades de configuração das cenas. Cabe ao coordenador descartar as soluções fáceis e desvendar crises que promovam novas descobertas, sem receio de reconhecer que nem sempre conhece a solução dos problemas que surgem. A confiança que os participantes depositam nele é resultante do fato de que ele é capaz de decifrar aquilo que não é a solução.

Na análise da prática de montagem, através da revisão bibliográfica, da sistematização de anotações feitas durante a pesquisa e de entrevistas com os componentes do processo, verificaremos as trocas de conhecimento, o lugar que

prática de montagem ocupa na estrutura da Universidade, a contribuição e o papel que cada um desenvolve no grupo, bem como as perspectivas da influência de tal processo de criação na formação do artista após o egresso da Universidade.

O trabalho será realizado em três momentos. A primeira fase da pesquisa será o levantamento de material bibliográfico e relatos sobre processos de encenação na UNIRIO. A segunda consistirá na filmagem e edição das imagens coletadas, em seguida, na terceira e última fase ocorrerá a elaboração da dissertação de mestrado.

Deste modo, ao tratar da montagem teatral na Universidade procuraremos direcionar o olhar para a prática da criação, que é variada e sofre as intempéries dos processos histórico individual e coletivo do grupo, na figura do diretor, atores, cenógrafo, figurinista, iluminador, aderecistas, etc. todos em processo de orientação por professores e no lugar da experimentação e da troca de experiências criativas.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Antônio; GARCIA, Silvana; GUEDES, Antônio; SAADI, Fátima. O Teatro da Vertigem e o Radical Brasil. In: Folhetim, Revista do Teatro do Pequeno Gesto. Rio de Janeiro: 2004.

BROOK, Peter. O teatro e seu espaço. Petrópolis: Editora Vozes, 1968.

___ A porta aberta. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 1999.

CARREIRA, André, OLIVETTO, Daniel. *Processo coletivo e Processo colaborativo: Horizontalidade e Teatro de Grupo*. Caderno cultural Polêmica e Imagem nº 19, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. 2004.

FISCHER, Stela R. *Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras dos anos 90*. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas/SP: 2005.

FREITAS, Eduardo L. Viveiros de . *Luis Alberto de Abreu e o Processo Colaborativo*. Comunicação apresentada na XIIª Semana de Ciências Sociais da PUC-SP / 2004, no Grupo de Trabalho: História, Arte e Tecnologia.

Enciclopédia Itaú cultural, consultado em 13 de outubro de 2007. link para consulta: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=conceitos_biografia&cd_verbete=619